OCUPAR, RESISTIR E A LUTA NAS REDES SOCIAIS

OCCUPY, RESIST AND THE STRUGGLES ON ON-LINE SOCIAL MEDIA

OCUPAR. RESISTIR Y LOS CONFLITOS EN LAS REDES SOCIALES

SILVIO CARNEIROI

Resumo Este artigo investiga o movimento de ocupações das escolas públicas de São Paulo, levando em consideração os conflitos do que Charles Tilly denomina como repertórios e regimes, a saber, as ações de contestação dos movimentos sociais *versus* o regime do Estado. Partimos da etnografia presente no livro *Escolas de luta* para compreendermos as etapas desse conflito. Em seguida, acompanhamos o efeito desse movimento no interior das redes sociais, em especial seguindo a *timeline* da página *Escola de Luta Fernão Dias Paes*. Por fim, operamos um diagnóstico desse conflito, compreendendo a mensagem deixada por estudantes: uma catálise social que desloca significados políticos no coração da vida social. **Palavras-Chave:** Ocupações; Repertórios; Movimentos sociais; Redes sociais; Catálise social.

ABSTRACT This paper inquires the social movement for occupy public schools in the State of Sao Paulo from the Charles Tilly's perspective on struggles between regimes and repertoires, that is: between claim-action of social movements *versus* political regime of State. The stages of such conflict is comprehended by the ethnographic analysis of the book *Escolas de luta*. Then, we will analyze the effect of such struggle on the online social media, particularly following the timeline of the Facebook's page *Escola de Luta Fernão Dias Paes*. At the end, we will diagnose this movement as a message of the students: a social catalysis that move political meanings on the core of social life.

KEY-WORDS: OCCUPY; REPERTORIES; SOCIAL MOVEMENTS; ON-LINE SOCIAL MEDIA; SOCIAL CATALISIS.

¹ Universidade Federal do ABC (UFABC), São Bernardo do Campo/SP – Brasil.

Resumen Este artigo investiga el movimiento de ocupación de las escuelas públicas del Estado de São Paulo, considerando los conflictos entre régimen y repertorios, como Charles Tilly describe, a saber: acciones de protesto por los movimientos sociales *versus* el régimen de Estado. Estos conflictos serán entendidos a partir de la análisis etnográfica presentada en *Escolas de luta*. Seguimos entonces para observar el efecto de este movimiento en las redes sociales, en particular, a partir de la *timeline* de la página de Facebook *Escola de Luta Fernão Dias Paes*. En el final, operamos un diagnóstico de este conflicto por la mensaje inscrita por lxs estudiantes: una catálisis social que moviliza significados políticos en el corazón de la vida social.

Palabras clave: Ocupación; Repertorios; Movimientos sociales; Redes sociales; Catalisis social.

Introdução

Podemos pensar a teoria crítica como uma ontologia do presente, como indica Foucault (2006) em uma de suas entrevistas a respeito da prática da liberdade. Trata-se da dificuldade que temos em propor uma reflexão levando em conta o peso do acontecimento. Não significa pensar o acontecimento como um dado, um fato positivo. O acontecer subjaz em toda uma rede de agentes, uma série de práticas e discursos alinhados ou desencontrados que, dada a composição de seus elementos, formam inesperadas revoluções aos olhos da teoria tradicional.

As pesquisas sobre opiniões em rede social têm a virtude, em grande medida, de conferir um mapa de deslocamentos dos significantes em disputa pelos quais mobilizam novos elementos que fazem da pesquisa social uma experiência de emancipação. Algo que se apresenta quando, em determinado momento, certos termos como "polícia militar", "violência", "corrupção" passam a mobilizar todo um conjunto de grupos em rede. Temos aqui um "diagnóstico do presente" na sua superficialidade, ainda de uma maneira mais quantificada do que qualificada dos problemas e contradições que atravessam tal olhar a respeito das redes sociais.

No entanto, para além dos deslocamentos dos significantes, a dificuldade está em entender a conexão, o reforço, a duplicação, a rejeição, a subversão dos termos em questão.

A proposta aqui é partir da etnografia proposta pelo livro *Escolas de luta*, que opera uma análise detida da primeira onda dos movimentos de ocupação de escolas (8/11/2015 a 19/1/2016), uma verdadeira cartografia dos movimentos estudantis de ocupação das escolas. Pretendemos também, avançar este trabalho e procurar reconhecer como esse movimento alastra-se para outros Estados e mobiliza todo um conjunto de repertórios locais sob a forma estratégica da ocupação.

Do livro, ressaltamos não apenas o primor descritivo de seus autores, mas também os materiais de que se valem para realizar tal empreitada. Com isso, podemos acompanhar passo a passo os avanços e dificuldades do movimento. Mas, sobretudo, a análise desses autores respeita a natureza dos dispositivos que se articulam as ações do movimento. Cito aqui o

prefácio de Pablo Ortellado, que conecta a experiência das ocupações com as manifestações de junho de 2013 – um resumo dos processos narrados pelos autores de Escolas de luta:

> O processo de mobilização começa com a expressão da indignação no Facebook, nos grupos de Whatsapp e no cotidiano da escola. Ao perceberem que a indignação era compartilhada, nasce o movimento. Ele começa como conflito local, com protestos contra as diretorias. Logo, vira passeatas nos bairros, depois protestos em regiões centrais, reunindo várias escolas e, finalmente, ocupações. Das ocupações, o movimento ainda se metamorfoseia em trancamentos de avenidas, antes de conseguir a renúncia do secretário de educação, o cancelamento do fechamento das escolas e a derrubada da popularidade do governador. A vitória dos secundaristas foi simplesmente a mais importante derrota política da carreira de Geraldo Alckmin como governador (ORTELLADO apud CAM-POS et alli, 2016, p. 12-13).

Creio que a descrição de Ortellado sublinha a força desse movimento. Não apenas pela "derrota política" do establishment, que faz desse movimento uma lição cheia de sentidos, mas também por conta da série de materiais, dispositivos, mecanismos políticos ou, nos termos de Charles Tilly, "repertórios" que o movimento trouxe à luta (TILLY, 2006, p. 16-17). De acordo com o autor, o que pode caracterizar um movimento social como tal (e não como uma aglomeração de pessoas que formam uma massa indistinta) é a variação de repertórios figurada pelos grupos de determinado movimento. Eles variam entre os diversos lugares, tempos ou alianças, e, "de um ponto de vista global, quando as pessoas trazem demandas coletivas, elas inovam nos limites postos pelo repertório já estabelecidos em seus lugares, tempos e alianças" (TYLLI, 2006, p. 35). Algo dessa ordem de transmissão de repertório aconteceu no movimento secundarista em 2015. Repertórios que transitam entre as ruas e o mundo virtual.

Das ocupações das escolas (de forte inspiração nos movimentos do Chile e da Argentina) aos "trancaços" com cadeiras das escolas nas ruas, além de boicotes aos instrumentos de avaliação da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, como o Saresp. Com isso, todo um conjunto de comunicação, denúncia e articulação através das redes sociais. Há uma íntima conexão entre o material e o virtual nesse movimento, cada qual alimentando suas estratégias e, como demonstraremos, tornando um e outro campo um verdadeiro front, quando todos sabiam que se tratava de uma "guerra" (como explicita o secretário Padula em uma reunião fechada que contava com a presença de diretores de ensino, representantes da juventude psdbista e membros da comunidade eclesiástica – um discurso beligerante que vazou nas redes sociais e promoveu modificações estratégicas fundamentais no movimento). Estes são os principais marcos da análise de Escolas de luta.

A ideia aqui é estender o diagnóstico dos autores de Escolas de luta aos termos da teoria crítica. Pensar o movimento das ocupações como uma força do negativo numa rea-

Ver a gravação integral no site dos Jornalistas Livres: https://www.youtube.com/watch?v=68qbymS6Xvc (visitado em 19/03/2017).

lidade unidimensional tecida por uma intensa crise – crise que não é novidade, mas como diria Darcy Ribeiro: crise que é projeto.

Repertórios de luta

Há uma contradição de base nesse movimento. E dela partimos para entender suas articulações e, em grande medida, porque os estudantes seguem para as vias das redes sociais. Ressalto o paradoxo que Paulo Arantes (2017) explicita em uma entrevista ao dizer que os alunos lutam para que as escolas tornem-se escolas. Pois não significa uma mera luta contra o fechamento das escolas. Trata-se de uma verdadeira revolta acumulada por anos e que explode na forma das ocupações. Diga-se de passagem, as ocupações foram o último recurso depois de uma série de tentativas de conversas boicotadas com as autoridades do Estado. A declaração na página do Facebook, dos ocupantes do EE Selma Maria Martins Cunha, parece central para compreender o movimento: "O intuito da ocupação não fechar a escola e impedir o acesso das pessoas [*uma acusação recorrente das autoridades e da midia*], mas provar que os estudantes podem fazer uma escola melhor" (CAMPOS et alli, 2016, p. 151, colchetes do autor).

O que seria esse "melhor"? Algo que ecoa na seguinte declaração veiculada no YouTube de uma estudante do EE Maria José:

Eu particularmente detestava a escola, desculpa a sinceridade, mas eu detestava a escola por ela ser um ambiente muito opressor (...), só que eu detesto a escola mas eu acho que quem faz a escola somos nós (...), porém, tipo eu falo que eu não gosto assim, só que a minha escola, sabe, tipo, eu quero estar aqui, eu quero mudar esse costume chato dos professores entrarem aqui e jogarem qualquer coisa na lousa, porque a escola pode ser do jeito que for mas é um ambiente nosso que a gente tem que lutar por ele (CAMPOS et alli, 2016, p. 34).

Existe, pois, o paradoxo dos estudantes em conflito com a instituição escolar opressora, mas reconhecendo nos processos de luta uma possibilidade de criação de autonomia entre seus pares.

Desenvolvo aqui uma questão sobre a necessidade do uso do Facebook e Whatsapp como ponto de partida dos protestos, tal qual já descrito por Ortellado: não apenas seriam estas as ferramentas mais comuns de comunicação que essa geração domina, mas também — tendo em conta o cenário opressor e de vigilância das escolas — estes seriam meios de comunicação importantes em uma instituição avessa à assembleias, grêmios estudantis, conselhos de escola de fato etc. Meios de comunicação subterrâneos em uma instituição contrária a comunicados que não venham das instâncias do poder oficial, bem como esvaziada de espaços públicos de decisão. Enfim, uma escola em que espaços democráticos são dissolvidos no rito burocrático das instituições. É contra essa escola que os estudantes investem suas forças e, não à toa, multiplicam nos aplicativos e nas redes sociais suas demandas e, nesse meio, organizam suas batalhas para fazer da escola algo melhor, ou seja, democrática.

Daí a importância das declarações de páginas das redes sociais (mas também as entrevistas dos autores com os secundaristas) para que a narrativa de *Escolas de luta* possa ser possível. Nesse material se explicita uma luta por instituições democráticas. E, através delas, o desafio de constituir práticas consequentes com a proposta.

VIRTUAL E REAL: AMBIENTES OCUPADOS

A presença de tais ferramentas como recurso das disputas políticas dos movimentos de ocupação deve ser refletida em sua natureza. Não se trata apenas de discutir seus meios técnicos, sua estrutura corporativa, mas também a possibilidade que elas apresentam para os movimentos sociais e seus repertórios.

Extraio aqui o pensamento de Charles Tilly e Sidney Tarrow em seu relativamente recente livro *Contentious Politics* (Políticas de Disputa), em especial o capítulo breve que dedicam para a revolução digital e toda a série de movimentos sociais que se aproveitam desses meios técnicos para ampliar o escopo e as estratégias de suas reivindicações. Os autores seguem a definição de que "repertórios de disputa" [contentious repertoires] são:

...os arranjos de performances de ações de protesto [claim-making] limitados, familiares e criados historicamente, os quais, sob diversos aspectos circunscrevem os meios pelos quais as pessoas se engajam em políticas de disputa (TILLY, 2006, p. VII).

Assim, as ocupações não são lugares vazios de repertório, mas nelas se espelham um conjunto vasto de repertórios que reforçam a cada vez a "escola melhor" que anseiam.

No conjunto de repertórios das escolas ocupadas, uma série de debates sociais se materializa nas práticas e discursos do movimento. Na própria organização das atividades da escola, todo um universo de questões de gênero se faz presente: em muitos casos, os relatos de ruptura de uma divisão de trabalho por gênero (meninas na segurança, meninos na cozinha) despertam novas práticas discursivas que, no ambiente escolar repressor seriam violentamente abafadas. São esses repertórios de luta que enfrentam o "regime" das autoridades, enfraquecendo suas estratégias repressoras diante do novo conjunto de repertórios apresentados na ocupação. Como declara uma secundarista:

Na minha escola, o protagonismo feminino foi bem grande (...). Por quê? Porque toda noite a gente tinha visita de policial, gente! Toda noite tinha policial lá batendo na porta. E rapazes pra conversar com policial, não dá certo. Porque um bicudo com outro, os dois vão se bicar. Isso é literário, isso é normal. Então as meninas saíam lá fora pra conversar, até para que as coisas não fugissem do controle (CAMPOS et alli, 2016, p. 137).

Não foram raros os enfrentamentos diretos e indiretos com a polícia. Braço mais forte do sistema de regimes em uma política de disputa, a instituição militar demorou ainda um tempo para recompor-se diante da nova série de repertórios oriundos das ocupações.

Ademais, tais práticas cotidianas comunicavam-se com outras práticas e cartazes, bem como, *funks* e outros sons que os alunos compunham. Foram muitas as aulas "doadas" que tratavam da desmilitarização, das questões de raça e gênero, das políticas estudantis – o que não excluía a presença de conteúdos diversos como matemática, literatura e química. Todo o repertório de aulas atingia a forma cotidiana das aulas, contrapostas às rodas de conversa e muita discussão que atravessavam os discursos dos secundaristas em seus protestos. Havia, pois, um "repertório" novo que organizava e abraçava a "escola melhor", pela qual os secundaristas estavam lutando.

Entretanto, segundo Tilly, a cada movimento de repertórios dos movimentos sociais há também um movimento de regimes. Decerto, como afirma esse autor em *Regimes and Repertoires*, regimes e repertórios estão em conexão. Por conseguinte, há modos em que regimes formam os repertórios e outros em que repertórios formam os regimes (TILLY, 2006, p. 16).

Decerto, os secundaristas da ocupação estavam apoiados por um campo jurídico, político e familiar que reforçavam sua luta. Apoiados pelo regime do *Estatuto da Criança e do Adolescente* (ECA), pelas leis que asseguram o direito ao protesto, bem como, por todo um conjunto de questões que fazem da educação um assunto nacional (e que, pois, fechar escolas é algo de extrema impopularidade), todo um conjunto de repertórios avançou e foi recriado.

O ponto de virada do regime vem com a declaração de Fernando Padula, chefe de gabinete do então secretário Herman Voorwaald, em uma reunião estratégica do dia 29/11, quando o movimento de ocupação estava para fazer quase um mês, em que estavam presentes 40 dirigentes de ensino e o grupo "Juventude Ação Popular" (parte da juventude PSDB). Na gravação vazada dessa reunião, Padula não mede os termos:

(...) nós estamos no meio de uma guerra e temos que nos preparar para continuar enfrentando. Eventualmente a gente perde algumas batalhas, mas temos que ganhar a guerra final. Então, pra isso, a gente tem que parar um pouco e traçar algumas estratégias (PADULA *apud* CAMPOS et alli, 2016, p. 208).

Após a declaração de guerra, Padula prossegue:

Porque é isso: a gente tem que, de um lado, desqualificar o movimento. O movimento é político, é partidário, é pra, pra... pra criar, pra desviar o foco... Eu e a professora Raquel tivemos com o Dom Odílio Scherer – nós tamos apelando pra todo mundo, é... Impressionante a leitura do cardeal! O cardeal vira e fala: 'Mas isto é pra desviar o foco de Brasília' [comoção dos dirigentes de ensino]. Isso é pra criar... lógico que a gente não pode sair por aí falando que o cardeal falou isso... Vocês vejam que a autoridade máxima da Igreja Católica consegue entender que o que tem do lado de lá é uma ação política! (PADULA *apud* CAMPOS et alli, 2016, p. 209).

Desde então, as articulações do regime tomam outras colorações. Sem a base nas escolas, não eram poucas as "denúncias" e as "desinformações" como estratégias de desmobilizar ou desacreditar o movimento. Nesse sentido, as redes sociais eram fundamentais para os secun-

daristas apresentarem suas narrativas dos fatos. Tudo isso, aliado a "trancaços" e passeatas - retomando aqui alguns repertórios clássicos, apoiados na marca forte das carteiras escolares.

A NARRATIVA POR UMA PÁGINA DO FACEBOOK

Assumindo aqui um risco metodológico, é interessante notar que a disputa entre repertórios e regimes pode ser a base para a descrição dos roteiros de uma página do Facebook. A leitura de Escola de luta apoia-se em muitas páginas das redes sociais (sobretudo O Mal Educado e o Não Fechem minha Escola) como dois campos centrais para a articulação entre as ocupações. Tomo aqui outra página do Facebook como ponto de partida da minha análise: a Escola de Luta Fernão Dias Paes - escola emblemática nos processos de luta, muito embora seja necessário um trabalho de maior fôlego para interpretar alguns de seus dados e qualificá-los com maior precisão.

Há toda uma narrativa aqui que opera através de fotos, denúncias, solicitações, registros audiovisuais ou escritos. Os autores de Escolas de luta seguem uma leitura das denúncias dessas páginas. Nossa proposta é ver o campo de articulações que tais páginas demonstram, seus repertórios diante dos desafios do regime, mas também os comentários que, vez por outra, atravessam essas páginas.





Fonte: Postagem da página do Facebook "Escola de Luta Fernão Dias Paes" (17/11/2015)

As primeiras postagens² – com os registros da ocupação e solicitações do movimento – são ancoradas em "curtidas" e manifestações de apoio (claro que, como todo administrador de página do Facebook poderia reconhecer, é possível que comentários contrários expressos de maneira agressiva tenham sido "apagados" ou "denunciados" e, nesse sentido, nossa observação pode ser falha).

Em 18 de novembro, anunciavam:

Estamos lutando contra a reorganização e o fechamento de escolas, imposta pelo governador Geraldo Alckmin, desde o dia 6 de outubro. Fomos às ruas, mas não fomos ouvidos. A única atenção que o Estado nos deu foi a repressão policial.

Como não houve diálogo, resolvemos tomar uma atitude que causasse mais impacto. Assim, tivemos a ideia da ocupação de escolas, nos baseando na luta dos estudantes do Chile de 2011, chamada de "revolta dos pinguins". Na noite do dia 9/11, a primeira escola foi ocupada, em Diadema. Hoje, dia 18/11, já somos mais de 40 escolas ocupadas. O Fernão Dias Paes está tomado pelos estudantes desde a manhã de terça-feira (10) e seguimos firmes com a luta.

O governo do Estado vem tentando veemente nos tirar da escola, tanto que foi expedida uma liminar de reintegração de posse. Porém, sob pressão da força da luta estudantil, o juiz Luiz Felipe Ferrari Bedendi, da 5ª vara da Fazenda Pública, suspendeu a reintegração confirmando o que já dizíamos: a questão é política e não policial.

A reorganização e o fechamento de escolas só tem (sic) como objetivo o corte de gastos e não uma mudança pedagógica, mostrando que nos dias de hoje a educação ainda é vista como um custo, e não como uma forma de transformação social. Ao invés do governo construir mais escolas, melhorar as existentes e aumentar o salário dos professores, ele precariza o ensino, demite professores e fecha escolas. Estamos nos mobilizando pois exigimos um diálogo público e com todos os estudantes secundaristas, não aceitando reuniões fechadas e que sejam para decidir sobre apenas a nossa escola. O problema é geral, a luta é de todos!

Desde a ditadura, os estudantes secundaristas nunca estiveram tão unidos por uma causa. E não vai ser agora que vamos parar de lutar! #ocupareresistir #estudantespelosestudantes.³

Além disso, eventos foram criados para maior articulação entre os agentes da escola, demonstrando abertura com professores e outros estudantes que não estivessem participando ativamente da ação.

Outro campo de postagens é a articulação com outras escolas ocupadas, demonstrando unidade entre os movimentos e ocupações cada vez mais crescentes – tendo seu ponto alto com a ocupação de mais de 200 escolas nos fins de novembro, início de dezembro (justamente no período da reunião com o chefe de gabinete, Fernando Padula).

Lembrando que a ocupação da Escola Fernão Dias Paes realizou-se no dia 10 de novembro de 2015, ao passo que a página do Facebook seria aberta no dia 17 de novembro de 2015.

³ Postagem da página do Facebook Escola de Luta Fernão Dias Paes do dia 18 de novembro de 2015 (visitado em 19/3/2017).

Também vale lembrar a presença e o apoio de ex-estudantes, como a Laerte

Figura 2: Charge Fernão Dias Paes, autor Laerte.



Fonte: Postagem na página do Facebook Escola de luta Fernão Dias Paes (21/11/2015).

Remissão aos anos de escola que, aliás, havia sido ocupada em 1968.4 Remissão da memória e articulação no tempo. Segundo o grupo O Mal Educado (um dos primeiros a articular uma frente de escolas ocupadas), informava-se em um comentário a respeito do fato:

Pesquisando em jornais da época, achamos o seguinte:

No dia 22 de maio de 1968, os estudantes bloquearam a entrada da escola às 8 horas da manhã para realizar uma assembleia, onde decidiram entrar em greve por tempo indeterminado. As reivindicações do movimento eram: demissão da secretaria da escola, Leila Busch Alves, que era acusada de diversas irregularidades e a revogação da Portaria 31 da Secretaria da Educação, que diminuía de 42 para 36 o número de aulas semanais que os professores poderiam dar, com

Vídeo veiculado na página do Facebook da TV Drone em 17 de maio de 2015, registro de época da TV TUPI. Ver em https://www.facebook.com/tvdrone.web/videos/552401538271758/ (visitado em 19/03/2017).

a alegação de que havia excesso de professores. Os estudantes contestavam que a medida reduziria o salário dos professores, que migrariam para o ensino particular, e diziam ainda que se havia excesso de professores o Estado deveria abrir mais escolas, e não reduzir o número de aulas. Além do Fernão, cerca de 21 colégios aderiram à greve contra a Portaria 31. O Fernão é escola de luta!⁵

Há nesse episódio uma dessas experiências de memória, descritas por Benjamin, entre gerações que se tocam nas lutas. Um repertório que também faz sentido no tempo e no espaço das ocupações. Também é interessante notar que, nesse mesmo vídeo, havia um comentário, retirado do ar pela própria autora, em que comentava que tal vídeo representava uma escola decente e saía em defesa da autoridade para a direção da escola.⁶ Essa seria uma das raras vezes que a agente escolar expressou-se na página dos alunos.

Alguns comentários, curiosamente mal escritos, começam a aparecer nos dias seguintes à declaração de guerra de Padula, como o seguinte:

...tudo b em que voces querer parar a mudança do governo , agora atrapalhar a vida d
das spessoas esta errrado. 7

Outro elemento: uma discussão a partir da prisão de um aluno.⁸ Desta vez, os elementos do debate partem da perspectiva de estudantes. Nos comentários da postagem, um dos estudantes que não havia participado do movimento afirma reconhecer o estudante preso e lança o comentário de que, embora se solidarize com a família do secundarista preso, questiona a posição de quem nunca estudou nem foi um bom aluno, mas partiu para a luta – corroborando com certa narrativa do regime de que os secundaristas ocupantes estariam seguindo a baderna. Termina seu comentário inicial, afirmando "Sou a favor dos manifestos, mas sou a favor dos que lutam com consciência".⁹ As respostas dos ocupantes seguem entre considerar a postagem "desnecessária" ou acusar o autor do comentário como parte do grupo de tucanos (algo que não prosperou). Aqui, a situação é mais delicada, por conta dos vínculos afetivos presentes.

ACABOU A PAZ: O PÓS-OCUPAÇÃO

Talvez um dos desafios mais contundentes se mostra nesse momento: quais estratégias de convencimento são possíveis entre aqueles que não participaram da manifestação?

⁵ Postagem da página do Facebook de *O Mal Educado* em 23 de maio de 2015 (visitado em 19/03/2017).

⁶ Dado retirado de relato de professores da escola.

Conforme comentário em postagem da página do Facebook, Escola de Luta Fernão Dias Paes em 1º. de dezembro de 2015, quando iniciaram os "trancaços" nas ruas em resposta à declaração de guerra contra os secundaristas pelo chefe de gabinete Fernando Padula Novaes, já descrito.

⁸ Conforme postagem da página do Facebook Escola de Luta Fernão Dias Paes em 4 de dezembro de 2015 (visitado em 19/03/2017).

Omentário na página do Facebook Escola de Luta Fernão Dias Paes em 4 de dezembro de 2015 (visitado em 19/03/2017).

Questão presente também em momentos de pós-ocupação, quando se trata de levar adiante as reivindicações do movimento, diante do retorno do establishment. Diga-se de passagem, se é verdade que esta seria uma das maiores derrotas do governo Alckmin (o que levou à troca de secretarias e a certo recuo dos planos de reorganização, tal qual inicialmente planejado), também é verdade que tal retorno, o pós-ocupação foi marcado por duas forças do regime, perante os quais o repertório das ocupações não deu conta em muitas ocasiões.

Uma primeira, seria o retorno do establishment, com a vantagem do regime já haver mapeado todos os apoiadores do movimento, entre estudantes, funcionários e professores. Foram raríssimos os casos de projetos pedagógicos revistos a partir das demandas da ocupação. 10 A velha escola volta a ser a escola opressora e com um poder policial – literalmente – que outrora estaria às ocultas.

Uma segunda frente manifesta-se na segunda onda de ocupações, por conta das questões da falta da merenda nas Escolas Técnicas do Estado de São Paulo. Em muitos casos, a estratégia adotada pelo regime não foi o enfrentamento direto dos diretores com os estudantes, mas apoiado pelo regime diferenciado das estruturas das Escolas Técnicas, com ensino noturno modular (que implica estudantes-trabalhadores de curto período, não apenas seguindo o curso anual) e com o regime administrativo de outra ordem, a partir da Secretaria do Comércio e Desenvolvimento Econômico do Estado de São Paulo. A estratégia adotada pelo establishment seria jogar pais, professores e alunos contra os ocupantes, ao invés da polícia – aliviando assim seu papel repressivo deslocado para uma incivilizada sociedade civil. Diante de atos brutais de violência, não foram poucos os casos de total negação de responsabilidades dos diretores e responsáveis, conforme compilado no dossiê preparado pela Comissão de Mães e Pais em Luta, apresentado no poder público em 2016. 11

Violência que se sentiu desde o início do movimento, quando um dos comentários à notícia da UOL, "7 motivos para admirar os estudantes paulistas" (HUMMEL, 2015) afirmava:

> A corporação dos professores passou meio ano em greve caçando briga com a polícia para fazer drama e ajudar o PT. Agora os alunos, imbecis incapazes de pensar por si mesmos, meros papagaios de falação esquerdista, completamente manipulados e excitados pela farra de transformar escolas em pagode na laje,

¹⁰ Por iniciativa dos pais e alguns professores junto aos secundaristas, organizaram na E. E. Virgília Rodrigues Alves de Carvalho Pinto debates sobre as ocupações entre os dias 25 e 28 de julho de 2016, abrindo espaço entre as mais diversas frentes e opiniões, sobretudo, auxiliando na formação do grêmio estudantil. O debate avançou, nesse sentido, com a conquista dos estudantes na formação de um grêmio livre (distinto da eleição do grêmio por chapas, à contragosto dos planos da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo). Tratava--se de um território de disputa entre as frentes políticas (inclusive entre secundaristas) sobre o formato de ação política que se desdobraria das ocupações, o que exige de nós outro capítulo de análises das ocupações das escolas de São Paulo.

¹¹ Trata-se do segundo dossiê preparado pelo Comitê de Mães e Pais em Luta, considerando os abusos do Estado contra os estudantes secundaristas nessa segunda onda de ocupações. Um primeiro dossiê foi apresentado à Comissão Interamericana de Direitos Humanos, que evidenciou todo o regime de violências contra os quais os alunos foram submetidos durante a primeira onda da ocupação. Sobre este caso ver a reportagem, entre outras, "Pais de estudantes de SP vão a comissão internacional denunciar abuso policial". In: http:// brasil.elpais.com/brasil/2015/12/21/politica/1450697354_686666.html (visitado em 19/03/2017).

fazem outra vez o serviço sujo dos vermelhos. Não existe pudor nessa gente, quem destruiu o plano real foi o PT, todo governador responsável tem que cortar gastos ou vai terminar inadimplente, como está o RS, que o PT governava. Essa professora que escreveu o texto está rindo da cara do contribuinte, que sustentou esse sistema educacional caríssimo por um ano sem que sequer houvesse aulas. Esse sistema nunca deu resultado, mas agora virou uma central de deboche e zombaria do povo que paga impostos para sustentar essa bandalheira.

MOVIMENTO SOCIAL E CATÁLISE SOCIAL: REPERTÓRIOS DE RESISTÊNCIA

Gostaria de encaminhar minhas conclusões para uma última reflexão desses meios técnicos sob a estrutura da "guerra" e a composição dessa memória.

Em primeiro lugar, podemos perguntar com Tilly: seriam as ocupações movimentos sociais ou meramente um coletivo disperso de grupos diferenciados? Pergunta justa que permite pensar a natureza desse movimento. Segundo Tilly e Tarrow: um movimento seria uma "campanha sustentável de protestos, que se utiliza de repetidas performances que tornem públicas as demandas, baseadas em organizações, redes, tradições e atos de solidariedade" (TILLY & TARROW, 2015, p. 11).

Por meio da narrativa das páginas, o conjunto de elementos pelos quais uma ocupação, como a do Fernão Dias, se reconhece enquanto movimento social. Não apenas por suas bandeiras, mas também por seus mecanismos. Há desde o exercício da memória e a composição de novos repertórios até a criação de estratégias de confronto e dissolução de tensões que constituem movimentos sociais.

No entanto, uma leitura apenas dos mecanismos deixa de lado o real escopo de um movimento como as ocupações. Há uma possibilidade de articulação de outra ordem, que avança entre diferentes partes e se alastra como repertório comum entre vários Estados, ainda que em situações diferentes. Cito brevemente a presença desse repertório em Estados como Goiás, Rio de Janeiro e Ceará. Cada qual com afinidades comuns, mas com dispositivos de regime em grande medida diversos.

Há algo das ocupações que faz desse movimento social mais do que um conjunto de mecanismos comuns. Algo que Marcuse poderia compreender como "catálise social" (MARCUSE, 1966, p. XXV). Pois seria ali, no território da educação, com as inúmeras greves de professores com pouca repercussão, no silenciamento de grande parte de seus contestadores no cotidiano escolar, que surge esse movimento.

Marcuse lembra que certos movimentos sociais incorporam um sentido novo de mediação que altera a ordem do *establishment* – o que o autor denomina "catálise social". Em uma estrutura global, em que a educação passa a ser um dos principais alvos de tornar o mundo em mercadoria sob o jugo de uma nova forma de capital, o capital humano. Gary Becker, um dos exemplos foucaultianos mais eloquentes para essa questão, resume bem o que está em jogo: trata-se de um capital "que produz humanos", o que implica afirmar uma série de investimentos – e a educação passa a ser vista nesse registro – em que uma pessoa não se separa de seu conhecimento, de suas habilidades, saúde ou valores; há um acúmu-

lo que faz da constituição da pessoa o resultado dos investimentos que ela opera sobre si mesma – acumulação diversa do capital de ativos financeiros, pautada pela circulação de mercadorias (BECKER, 1993, p. 19).

A ocupação de uma escola enquanto catálise social apresenta as contradições desse processo. Nisso, promovem uma alteração nas relações e carregam consigo um movimento diverso e até oposto ao campo de competições das habilidades e competências que medeiam esse novo ciclo do capitalismo. É em tais movimentos que podemos encontrar as palavras do "Prefácio Político" de Eros e civilização:

> A recusa do intelectual pode encontrar apoio noutro catalisador, a recusa pulsional entre jovens em protesto. É a vida deles que está em jogo e, se não a deles, pelo menos a saúde mental e capacidade de funcionamento deles como seres humanos livres de mutilações (MARCUSE, 1966, p. XXV).

Tal encontro não seria o resultado presente no repertório de resistências das ocupações?

REFERÊNCIAS

ARANTES. "Paulo Arantes: Só uma educação calamitosa pode ser jogada na vala comum da relação custo-benefício", entrevista concedida à Revista Fórum. Publicada em http:// www.revistaforum.com.br/semanal/paulo-arantes-uma-educacao-calamitosa-pode-ser-jogada-na-vala-comum-da-relacao-custo-beneficio/ (visitado em 19/03/2017).

BECKER, Gary. Human capital: a theoretical and empirical analysis with special reference to education. Chicago: The University of Chicago Press, 3rd edition, 1993.

CAMPOS, Antonia M. et alli. Escolas de luta. São Paulo: Veneta, 2016.

FOUCAULT, Michel. "A ética do cuidado de si como prática da liberdade." In: FOU-CAULT, Ética, sexualidade, política. Ditos e Escritos, v. 5, trad. Elisa Montieu et alli. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 286-287.

HUMMEL, Renata. 7 motivos para admirar os estudantes paulistas. In: http://painelacademico.uol.com.br/painel-academico/5537-7-motivos-para-admirar-os-estudantes--paulistas (visitado em 19/03/2017).

MARCUSE. Eros and civilization: a philosophical inquiry into Freud. Boston: Beacon Press, 1966.

TYLLI, Charles. Regimes and repertoires. Chicago: The University of Chicago Press, 2006.

TILLY, Charles & TARROW, Sidney. Contentious Politics. New York: Oxford University Press. 2015.

Dados do autor

SILVIO CARNEIRO

Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Pesquisador do projeto NEXOS: teoria crítica e pesquisa interdisciplinar, em parceria com a UFABC, UFMS e FAMED-SOBRAL. São Bernardo do Campo/SP – Brasil. silviocarneiro@gmail.com

Submetido em: 7-4-2017

Aceito em: 22-5-2017